

Indústria e médicos: a agonia de quem depende do governo.

A indústria de próteses e órteses cardíacas acompanha a agonia da atividade médica nessa especialidade. Há 1,5 mês a Macchi Engenharia Biomédica fechou sua linha de montagem de marca-passo, deu férias coletivas aos funcionários e vendeu para a China o equipamento de solda a laser com que juntava as minúsculas partes do produto.

Há dois anos, havia cinco fabricantes de marca-passo no Brasil, segundo Ronaldo Pitta, diretor comercial da Macchi. A primeira a fechar foi a multinacional Meditronic, que detém 40% do mercado mundial. "Passamos, nesse segmento, da industrialização à comercialização", diz. O volume de vendas dessa prótese é hoje restrita a 10% do registrado há pelo menos seis meses.

A empresa lançou há 3 anos o oxigenador de membrana, a reboque de fabricantes japoneses, e hoje exporta para 40 países. Internamente, custa Cr\$ 1.010 milhão. No Brasil, porém, há seis meses só vendem o oxigenador de bolha, tecnologicamente mais atrasado e portanto mais barato: Cr\$ 650 mil. O Inamps paga 50% do valor nos dois casos.

"O governo brasileiro diz que

quer usar tecnologia de primeiro mundo, mas quer comprar essa tecnologia a preço de quarto mundo", diz Pitta. Ele alega o custo de produção e a tecnologia empregada para justificar os valores. "Não dá para fazer assistência social."

Atualmente, a Macchi exporta 75% da produção em equipamentos para implante e de apoio à realização de cirurgias como pontes de safenas, correção de defeitos congênitos e substituição de válvulas. O Brasil é um dos quatro países no mundo que concentram um parque industrial instalado para produção de oxigenadores, junto com Estados Unidos, Japão e Itália.

A família se une para recolher dinheiro

Desde o mês de outubro passado, a empresa atendeu diversos pacientes que, sem alternativa, recolhiam dinheiro em família para a compra de oxigenadores e materiais para operação. No mesmo mês, o mesmo equipamento foi vendido a dois pacientes por valores diferentes: Cr\$ 374 mil e Cr\$ 262 mil. "Juntou gente na porta da fá-

brica mostrando o dinheiro reunido pela família", conta Ronaldo Pitta.

Segundo ele, os hospitais optam pelo tipo de bolha porque o seu custo menor compensa a compra para realizar uma cirurgia cardíaca, remunerada à base de Cr\$ 1,7 milhão pelo Inamps. "Para o hospital sai mais caro manter a sua equipe e o seu pessoal. Assim, eles preferem pagar a diferença do oxigenador, que compensam do dinheiro da cirurgia".

À exceção da cirurgia para implante do marca-passo, que exige apenas uma anestesia local e uma incisão de 4 cm — e é remunerada à base de Cr\$ 200 mil por paciente —, as outras operações cardíacas exigem o oxigenador e periféricos. Ele mantém as funções do coração e do pulmão ativadas.

No caso da válvula cardíaca, esse valor cresce para Cr\$ 1,5 milhão. Novamente, o dobro do valor pago pelo Inamps. Nesse mercado, porém, as três multinacionais e 10 empresas nacionais mantêm um ritmo de produção, apesar da queda registrada desde outubro. "Antes, vendíamos o dobro."

Stella Galvão